



Universidade da Amazônia

Herói à Força

de Artur Azevedo



NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal

CEP: 66060-902

Belém – Pará

Fones: (91) 210-3196 / 210-3181

www.nead.unama.br

E-mail: uvb@unama.br

Herói à Força

de Artur Azevedo

ÓPERA CÔMICA EM TRÊS ATOS.
ADAPTADO À CENA BRASILEIRA.
MÚSICA DE ABDON MILANÊS
1886

Personagens / Atores:

Luisinha / Dona ROSA VILUOT
Valentim BRAGA, latoeiro — gêmeo de
Jorge BRAGA, capitão / Senhor VASQUES
, sargento / Senhor AREIAS
MATIAS DE ALBUQUERQUE, **Governador**
de Pernambuco / Senhor LISBOA
Pantaleão DE ARAGÃO, capitão de navio / Senhor PINTO
Vicente / Senhor MESQUITA
UM **Ajudante** DE ORDENS / Senhor NINO
UM SOLDADO / Senhor CESAR
OUTRO / Senhor DIAS
UM REPOSTEIRO / Senhor MACHADO
UM CAPELAO / Senhor MACHADO
UMA NOIVA / N. N.

Latoeiros: mulheres, crianças, oficiais, soldados, banda marcial, convidados de ambos os sexos.

A ação passa-se em Pernambuco, no século XVII, durante a guerra dos holandeses; o primeiro ato no Recife, o segundo em Jaboatão, e o terceiro em **Governador** Matias de Albuquerque.

Ensaíador, Senhor Jacinto Heller; regente de orquestra Senhor Henrique de Mesquita; cenógrafo, Senhor Carrancini.

AO PROVECTO ATOR
ANTÔNIO JOSÉ AREIAS

Aceitando a dedicatória desta peça, a que tu, o grande Vasques, e outros colegas teus, muito distintos, ides, sem dúvida alguma, dar um magistral desempenho -, dá-me licença para contar-te ligeiramente a história do Herói á força, e pô-la nestas páginas à laia de advertência.

Há seis anos chegou a esta Corte, vindo de Portugal, e foi fazer parte da Companhia Heller, que então funcionava na Fênix Dramática, um ator, teu compatriota, cujo nome não preciso aqui citar.

Poucos dias depois de entrar para a Fênix, esse ator veio ter comigo e disse-me:

— Tenho em meu poder uma comédia por mim representada centenas de vezes em Portugal, e sempre com muito agrado. Mas infelizmente é uma peça sem

música; não pertence ao gênero adotado pelo Senhor Heller. Desejo que me transforme essa comédia numa opereta, fazendo-a pôr em música por um compositor de talento. Só assim poderá ser representada na Fênix.

No dia seguinte, entregou-me um manuscrito, cuja primeira página rezava assim: "O Herói à força, comédia de espetáculo em 3 atos, imitação por A. de Menezes."

Imediatamente procedi à leitura, e reconheci que outra coisa não podia ser essa comédia senão *Le Brasseur de Preston*, velha ópera-cômica francesa, que eu apenas conhecia de tradição. O imitador tirara-lhe todo o canto. É singular que, sem esse atrativo, embora bem representada, a peça lograsse tanto êxito em Portugal. Imagina um libretto de ópera-cômica... sem música!

Debalde procurei então por toda parte um exemplar de *Le Brasseur de Preston*. Afinal, resolvi extrair a opereta da própria comédia manuscrita. Feito esse trabalho, incumbi de pô-lo em música o Senhor Frederico Guzmán, distinto pianista e compositor chileno que se achava então de passagem nesta Corte. Infelizmente o trabalho do maestro não agradou ao empresário, o que não quer dizer que me desagradasse a mim, e o Senhor Guzmán levou consigo a partitura, quando se retirou, em 1882; para a Europa, onde faleceu há pouco mais de um ano.

Entretanto, o ator a que acima me referi, retirando-se da Fênix, esquecido do que convencionara comigo, representou no Politeama Fluminense (e sem me dizer palavra) a comédia tal qual fora arranjada pelo Senhor A. de Menezes.

Pouco depois desse ato, que eu não qualificarei, o artista repatriou-se, e nunca mais ouvi falar dele.

Em 1883 o meu amigo Senhor Abdon Milanês, que hoje todo o público fluminense conhece e aprecia, pediu-me um libretto para pôr em música. Lembrei-me do *Herói à força*, e em boa hora, porque o jovem maestro saiu-se admiravelmente; refiz o meu trabalho, e desta vez em presença do próprio original, que finalmente obtive. Não fiz propriamente uma tradução, mas uma "adaptação à cena brasileira". Transporte para Pernambuco, um pouco a trouxe-mouxe, confesso, a ação da comédia, e dei-lhe por época o Século XVII, que se prestava perfeitamente à trama do libretto. Introduzi no terceiro ato um personagem histórico, ousadia que, espero, me será desculpada, porque, em casos análogos, outros o têm feito antes de mim, e com menos verossimilhança. Conservei o título de *Herói à força*; certamente os meus escrúpulos se oporiam a isso, se eu não tivesse notícia, pelo referido Guzmán, de que havia com o mesmo título uma tradução espanhola da mesma peça. Além disso, *Herói à força* era um título que se impunha a este trabalho; a uma criança não ocorreria outro, e a mim me admira que os autores franceses não o houvessem aproveitado.

Tudo isto escrevo, meu Areias, para deixar aqui bem patente que este trabalho é uma adaptação de *Le Brasseur de Preston*, ópera-cômica em três atos, dos Senhores de Leuven e Brunswich, posta em música por Adolphe Adam, e representada pela primeira vez em Paris, no Teatro da Ópera-cômica, em 31 de outubro de 1838; nada aproveitei do *Herói à força* que há tempos foi exibido, uma ou duas vezes no Politeama Fluminense, por um simulacro de companhia dramática.

Um aperto de mão do amigo agradecido e admirador sincero,

Artur Azevedo

Rio de Janeiro, setembro de 1886.

ATO PRIMEIRO

Interior de uma oficina de latoeiro. Por toda parte artefatos de folha-de-flandres. Bancos. Porta à esquerda. Portão ao fundo, com sineta. Esse portão diz

CENA I

Vicente, que entra da esquerda e vai tanger a sineta; os Latoeiros, que entram do fundo, em confusão; depois **Valentim**.

Coro dos latoeiros
Ao som da sineta
Corramos depressa!
São horas! Começa
Nossa obrigação!
De folha-de-flandres
Mil coisas façamos,
E aos anjos peçamos
Que as venda o patrão.
No fim das semanas
As férias não falham,
Pois aos que trabalham
Protege o Senhor.
Portanto, rapazes,
Vá lá! Mãos à obra!
Vá lá! que nos sobra
Vontade e vigor!

Vicente — Vocês têm razão.

Coro — Bons dias!

Vicente

— Rapazes, razão lhes dou...
Deus fez o mundo em seis dias,
No sétimo descansou;
Portanto, a Deus imitemos:
A semana trabalhemos
E ao domingo descansemos!
Descanse quem trabalhou.

Coro

— Não apoiado!
Qual descansar!
Fez-se o domingo Para bailar,
Folgar,
Brincar!
No fim das semanas, etc.

(Dispõem-se todos para trabalhar; Valentim entra da esquerda.)

Valentim —
Alto lá! Alto lá!...

Hoje aqui ninguém trabalha
Em casa de Valentim!

Coro —
Como assim?
Diga lá!

Valentim (Trazendo por um gesto todos ao proscênio.)
Coplas

I
Um grandioso, audaz projeto
Eu concebi;
Por isso vai hoje sueto
Haver aqui.
Para vós todos prontamente
Ver folgazões,
Eu vou distribuir contente
Uns patacões!

(Distribuindo moedas de prata de um saco que traz na mão.)

Coro
Aqui está!
Tomem lá
Patacões!...

Coro
— Venham lá,
Venham já
Patacos!...

II
Valentim —
Qual o projeto, só mais tarde
Hão de saber;
Aquele que em desejos arde
De o conhecer
Pode dar tratos ao bestunto.
Não é capaz
De adivinhar que grande assunto
Aqui me traz!
Aqui está, etc...

Coro — Venham lá, etc...

Vicente —
Patrão querido,
Vossa Mercê
Esse projeto
Diga qual é.

Coro — Diga qual é!

Valentim —
Vão vestir os seus fatos domingueiros,
E voltem prazenteiros,
Trazendo cada qual sua mulher.

Vicente — Manda o patrão! É obedecer!

Coro
— É obedecer! é obedecer!
No fim das semanas, etc...
(Saem os latoeiros pelo fundo.)

CENA II
Valentim, Vicente

Vicente — Mas diga-me cá, patrão. Qual é o motivo de tanta alegria? Dar-se-á caso que Vossa Mercê tenha recebido alguma herança?

Valentim — E que te importa? Come como um frade, bebe como um holandês, dança como um índio, ri como um doido, e não queiras saber mais nada.

Vicente — Qual não queiras, nem qual carapuça! Não se me dava saber por que a gente vai ser obrigada a andar hoje de cara alegre!

Valentim — Vais saber... É que... Nada! és um tagarela, podes dar com a língua nos dentes. A seu tempo tudo saberás. Olha, vai à taverna do Leonardo, ali no Corpo Santo, e diz-lhe que mande a vinhaça a tempo. O jantar é às três em ponto.

Vicente — E são muitos os convidados?

Valentim — Os rapazes, as mulheres... hão de ser para ai quarenta pessoas... Quarenta e uma! Sim, porque também há de vir meu irmão Jorge... Escrevi-lhe anteontem à tardinha. Há que tempos o não vejo! Que queres? Um oficial não pode deixar o seu posto, principalmente em tempo de guerra! Agora, que está tão perto daqui, talvez possa arranjar uma licença, e vir jantar com a gente. Malditos holandeses! Têm-nos dado água pela barba!

Vicente — É certo que Vossa Mercê parece-se tanto com seu irmão, que até se confundem?

Valentim — Homem, eu mesmo não sei se sou eu que me pareço com ele, ou é ele que se parece comigo. O que te afianço é que somos o retrato um do outro, e isso não admira, porque somos gêmeos. (Outro tom.) Mas, vamos! Vai, faze o que te disse, e não dê à língua, se queres dar aos dentes!

Vicente — Cá vou, patrão, cá vou. (Saindo pelo fundo.)

CENA III

Valentim — Sempre quero ver a cara que farão quando souberem! Também não disse nada à Luisinha... Como ficou admirada, fitando-me com os seus formosos olhos negros e rasgados, quando lhe pedi que deixasse a costura, dizendo-lhe que hoje era dia de festa na oficina... que seria conveniente vestir o seu melhor vestido e adornar-se com os seus melhores enfeites... e, se alguma coisa faltasse, que a

mandasse buscar ao melhor mascate de Olinda. Pobre pequena! Ficou tão atônita, que nem sequer se atreveu a perguntar-me... (Luisinha entra da esquerda.) Ela aí vem! Como é bonita! Benza-a Deus!

CENA IV

Valentim, Luisinha

Luisinha — Ah! estava aí, Senhor Valentim? Diga-me: estou a seu gosto?

Valentim — Estás, meu anjo! Aproxima-te; quero ver-te mais de perto. Como és linda!

Luisinha — Ora...

Valentim — Mas quem te deu esta fatiota? Nunca te vi tão bem vestida!

Luisinha — Faça-se de novas! Julga que não o vejo todos os domingos, quando Vossa Mercê vai pé ante pé deitar-me no cesto da costura um dobrão de ouro, e em seguida foge, como se praticasse um grave delito?

Valentim — Pois sim, pois sim, não falemos mais nisso...

Luisinha — Pelo contrário, falemos. É preciso pôr cobro a semelhante procedimento. Estou envergonhada de tantos benefícios, visto nada ter feito por merecê-los. A Vossa Mercê devo eu este luxo... Sou aqui tratada como uma fidalga.

Valentim — Ora, qual! Isso não vale nada... Eu é que sou um ingrato... Se fosse a pagar, como devia, os benefícios que recebi do teu bom pai, que Deus haja!...

Luisinha — Meu pai cumpria as suas obrigações. Era o mestre da oficina. Esforçava-se por bem servir ao seu amo.

Valentim — Teu pai era alguma coisa mais do que o mestre da funilaria: era um amigo, um verdadeiro amigo. Se aos trinta anos de idade estou senhor deste estabelecimento e quase rico, a quem devo? A ele, à sua atividade, à sua indústria e, sobretudo, aos seus conselhos. Pôs-se à testa da oficina, e por tal forma a acreditou, que hoje está no pé de prosperidade em que a vemos! E não havia eu de me interessar por ti, que ficaste órfã aos treze anos, desamparada neste mundo, sem outros bens que não fossem a tua virtude, a tua inocência e esse rosto de fada, capaz de causar inveja aos próprios anjos do céu?! Vamos lá! Disse e repito: Fui ingrato!

Luisinha — Exagera...

Valentim — Não falemos mais nisto, senão entro a comover-me, e hoje não é dia para tristezas... Anda cá, Luisinha; não adivinhaste ainda a causa destes preparativos de festa?

Luisinha — Não... ninguém faz anos hoje...

Valentim — Pois ouve lá. Sabes que pela Páscoa completei trinta anos? Começo a enfasiar-me de estar solteiro. Quando dão ave-marias, e despeço os oficiais, fico em completa solidão. Entro a passear pelo meu quarto, da direita para a esquerda e da esquerda para a direita, com as mãos nas algibeiras, perguntando a mim mesmo por que não me hei de eu rodear de meia dúzia de rapazes que corram, gritem, saltem, besuntando-me o fato, beliscando-me a barriga das pernas, divertindo-me, enfim!

Luisinha — Pensou em casar?

Valentim — Rapazes... não é difícil arranjá-los... O busílis está em deitar a mão numa mulherzinha bonita, amável e ajuizada... (Luisinha baixa os olhos.) Mas como o casamento é uma espécie de jogo da cabra-cega, o melhor é a gente confiar-se à

sorte; fechar os olhos e agarrar uma. Foi o que fiz, e quer me parecer que encontrei o que desejava.

Luisinha (Contente.) — Encontrou?

Valentim — Encontrei. (Pausa.) Um pouco longe daqui...

Luisinha (Despeitada.) — Ah!

Valentim — Uma guapa rapariga... boa... amável... discreta...

Luisinha (Esforçando-se por disfarçar a perturbação.) — Será bom... Senhor

Valentim... não se fiar muito nas aparências...

Valentim — Descansa. Trata-se da filha do Barbalho, o proprietário daquela quinta de Apipucos que fornece capim para o nosso macho.

Luisinha — Não conheço.

Valentim — Olha, aqui tens tu a carta do Barbalho (Tira um papel do bolso e finge que lê.) "Meu amigo. Em resposta à sua carta de dezesseis, participo-lhe que amanhã..." (Declamando.) É hoje. (Continuando.) ... que amanhã, dia de remessa de capim aos meus fregueses da cidade, remeto-lhe minha filha e três feixes do dito, da melhor qualidade. Espero que tudo chegue fresco e sem avaria. De seu amigo — Barbalho". (Declamando e guardando a carta.) Como vê. a minha noiva chega hoje mesmo. Quero recebê-la com todos os ff e rr. Farás favor, Luisinha, de cuidar em que nada falte. Eu vou sair; tenho ainda que dar algumas voltas. (Pega no chapéu.) Dize-me cá: não gostaste de saber que me caso?

Luisinha (Com um esforço supremo.) — Eu... sim... gostei...

Valentim — Muito bem! Até logo, Luisinha, até logo... não me demoro. (Sai pelo fundo.)

CENA V

Luisinha

Luisinha (Mal se vê só, rebentam-lhe as lágrimas e os soluços, e cai num banco, chorando abundantemente. Pausa.) — E eu, que me levantei tão alegre esta manhã! Bem longe estava de pensar que... Quem tal diria? Pobre de mim!

Romança

Chora a minha alma sentida,

Padece o meu coração!

Vejo pra sempre perdida

A minha doce ilusão! (Erguendo-se.)

Oh! que destino bárbaro!

Que desgraçada sorte!

A vida ser-me-á déspota,

Benevolente a morte!

Louca esperança, pérfida,

Em fumo se desfez...

Do pranto meu as pérolas

Deslizem-me no rosto!

Mas, ah! não sanam lágrimas

O meu fatal desgosto:

Sossego só no túmulo

Hei de encontrar talvez!

Chora a minha alma sentida,

Padece o meu coração!

Vejo pra sempre perdida
A minha doce ilusão!

CENA VI
Luisinha, Vicente

Vicente (Entrando do fundo.) — Está tudo pronto, não falta nada! Ora muito bons dias tenha a menina Luisinha. Oh! mas, ou eu sou cego, ou a menina esteve a chorar!

Luisinha — Eu? Engana-se!

Vicente — Qual engana-se, nem qual carapuça! Diga-me: quem lhe fez mal? Diga-me quem foi, e verá como o arraso!

Luisinha — Sossegue.. Tratemos antes de combinar o modo por que havemos de receber a noiva do Senhor Valentim.

Vicente — A noiva do Senhor Valentim? Pois o patrão casa-se?

Luisinha — É verdade, Vicente.

Vicente — Pois o patrão casa-se, e não é com a menina?

Luisinha — Comigo? Que está dizendo, Vicente? Pois eu sou lá digna de seu

Vicente — Qual família, nem qual carapuça! O patrão faz um grande disparate! Eu digo-lho, digo-lho nas bochechas! Quantas vezes, cá na oficina, temos dito uns para os outros: o patrão faz muito mal em não se casar com a menina Luisinha!

Luisinha — Que queres tu? Ele não me ama.

Vicente — Qual não ama, nem qual carapuça! Ama sim, senhora! Tinha que ver se a não amasse! Todos aqui a amam. E, senão, olhe... aí vêm os rapazes... Pergunte-lhes.

CENA VII

Os Mesmos, os Latoeiros, de braço dado a suas Mulheres, algumas das quais trazem Crianças pela mão; depois Valentim. Estão todos em trajos de festa.

Coro

Trazemos o riso nos lábios,
Trazemos alegres semblantes;
Roupas galantes
De ver a Deus!
Pois em domingo alegre o sábado
Quer o patrão que se transforme!

Fazem judeus.
A razão do júbilo
Aqui ninguém vê! (Com um movimento de dança.)
Dançamos, cantamos,
Saltamos, brincamos.
Sem saber por quê! (Dançam.)

Vicente —
Assim, rapazes, assim!
Quer o Senhor Valentim
Completa satisfação!

Todos — Viva o patrão!

Valentim (Que tem entrado.)
Saibam, amigos meus: todos estes mistérios
São porque vou entrar
No rol dos homens sérios!

Todos — Vai casar! vai casar!...

Vicente —
Qual é a noiva?
Não nos dirá?

Todos —
Qual é a noiva?
Diga-nos já!

Valentim —
A bela esposa minha
Outra não pode ser, senão...

Todos (Ansiosos.) — Quem?!

Valentim — Luisinha!

Todos — Luisinha!

Luisinha —
Oh! que ventura suprema!
E a outra, de quem falou?

Valentim —
Foi um belo estratagema,
Que um belo efeito causou.
(Sinais de alegria em todos.)
Concertante

Luisinha —
Oh!. que ventura!
Que felicidade!
Sou, na verdade,
Ditosa enfim!
Vou, finalmente,
Viver folgado,
Passar ao lado
De Valentim!

Valentim —
Oh! que ventura!
Que felicidade!
Sou, na verdade,
Ditoso enfim!

Vou felizmente
Viver folgado,
Passar ao lado
De um serafim!

Vicente e Coro —
Que felicidade!
É, na verdade,
Ditosa enfim!
Vai felizmente
Viver folgado,
Passar ao lado
De um querubim

Valentim —
Enquanto esperamos o instante, que aspiro,
De nos fazermos à matriz,
Vão pela quinta dar um giro.

Todos —
Muito bem diz!
A razão do júbilo
Aqui já se vê!

(**Vicente e os Coros** saem com um movimento de dança.)

Dançamos, cantamos,
Saltamos, brincamos,
Sabendo por quê!

CENA VIII

Luisinha, Valentim

Luisinha — Fizeste-me sofrer horrores durante dez minutos!

Valentim — Foi uma experiência.

Luisinha — Mau! E aquela carta?

Valentim — Aquela carta? (Tirando-a.) Vê!

Luisinha — O rol da roupa. (Deita-o fora.)

Valentim — E o Barbalho nunca teve filhos.

Luisinha — Que prazer egoísta o de amargurar os outros!

Valentim — Coitada! Ainda não tinha eu dado dez passos, e rebentavam-te as lágrimas. Ó abençoadas lágrimas!! (Beija-lhe os olhos.)

Luisinha — Parece-me isto um sonho! Dize-me outra vez que vou ser tua esposa!

Valentim — Dentro de uma hora iremos à matriz. A papelada está pronta.

Luisinha — Mas por que tanto mistério?

Valentim — O segredo é o tempero mais saboroso deste, acepipe que se chama amor. Amar-nos-emos sempre, não é assim?

Luisinha — Sempre.

Valentim — A minha satisfação seria mais completa se pudesse ter a meu lado meu

Luisinha — Tenho tanta vontade de o conhecer...

Valentim — Convidei-o, mas não sei se poderá deixar o exército. O pobre rapaz tem andado numa dobadura! Veio da Paraíba por terra, por uns caminhos impossíveis, e não teve tempo ainda de aparecer no Recife. E até certo ponto é bom que não

Luisinha — Por quê!

Valentim — Por quê? Pois não tenho já contado quantas me sucederam em rapaz, pela maldita casualidade de nos parecermos tanto um com o outro? Eu era uma pombinha sem fel, e bastante medroso, moléstia de que ainda hoje padeço... Em vendo qualquer perigo, logo me dá vontade de fugir! Meu irmão era o contrário: bulhento, endiabrado, provocador! Toda a vizinhança tinha-me raiva. Cortava as orelhas ao cão de Fulano... pintava de verde o gato de Beltrano. Queixavam-se a minha mãe: Jorge dizia que tinha sido eu; os queixosos confirmavam, e o resultado era uma tunda!

Luisinha — Pobre Valentim!

Valentim — Quando ficamos taludos, as diabruras eram de outra espécie. Quantas vezes Jorge se aproveitou da nossa semelhança para ir em meu lugar a certas entrevistas; quantas!

Luisinha — Mas que tem isso para não queres que ele venha?

Valentim — Que tem isso? Nada! é uma brincadeira! Meu irmão ainda é o mesmo: valente, honrado, diga-se a verdade, mas também galanteador, sedutor e... E se quiser divertir-se à minha custa...

Luisinha — Ora cala-te! não digas heresias!

Valentim — É que talvez não nos diferençasses!

Luisinha — Acreditas que o meu coração possa enganar-se?

Valentim — Por que não? Fazes lá idéia como nos parecemos! A mesma estatura, a mesma cara, a mesma voz!

Luisinha — Já começo também a ter cuidados!

Valentim — Se te estou a dizer que o caso é sério! Ainda se os holandeses o fizessem coxo ou maneta...

Luisinha — Deus o livre, coitado!

Valentim — Tens razão, Deus o livre! Ah! espera! Se ele vier, podemos adotar este meio: Quando eu for eu... quero dizer: quando ele for ele... sim, quando eu não for ele... isto é... eu me explico. Quando for eu, Valentim, teu marido, que se aproxime de ti, direi qualquer coisa... Ego sum qui sum, por exemplo -, mesmo em latim, não faz mal... E dou-te um beijo. Deste modo, conheces-me logo e evitas algum troca.

Luisinha — Está dito.

Valentim — Mas toma cuidado, que se eu me aproximar e não disser nada, é que não sou eu... e então, pelo amor de Deus!

Luisinha — Calate, deixa-te de tolices!

Dueto

Valentim — Vamos fazer um ensaio?

Luisinha — Um ensaio? Vamos lá!

Valentim — Eu primeiramente saio...

Luisinha — Ficarei sozinha cá.

Valentim — Ao voltar, tu me recebes

Conforme o que eu cá fizer.

Luisinha — Eu já estou pronta.

Valentim — Percebes?

Luisinha — Muito bem.

Valentim — É o que se quer.

(Saída falsa pelo fundo.)

Luisinha (Só.) — Espera lá! Vou te fazer
Enraivecer!

(Valentim entra gravemente e faz uma mesura cerimoniosa a Luisinha, que se lhe lança nos braços, com ímpeto amoroso.)

Luisinha —

Valentim querido,
Aos meus braços vem!
Aos meus braços vem!
És o meu marido,
E eu te quero bem!

Valentim (Desesperado.)

— Então? Então?!
Assim recebes meu irmão?
Eu não te havia dito nada...

Luisinha —

É que fiquei atrapalhada
E não prestei muita atenção...

Juntos —

— É perigoso
— Pudera não!
Ter/Ser um marido
Tão parecido
Com — seu/meu — irmão!
Com estes manos
Toda atenção,
Pois dos enganos
Vive o escrivão!

Valentim — Fazer vamos novo ensaio?

Luisinha — E há de ser melhor talvez.

Valentim — Da oficina outra vez saio.

Luisinha — Fico só mais uma vez.

Valentim — Vê lá se o caldo entornamos!

Luisinha — Hás de ver que não vou mal!

Valentim —

O ensaio que fazer vamos
É um ensaio geral.

Luisinha — Eu já estou pronta.

Valentim — Vejamos.

Luisinha — Atenção!

Valentim — É o principal! (Saída falsa pelos fundos.)

Luisinha (Só.)

— Espera lá! Vou te fazer
Enraivecer!

(Valentim volta muito alegre, chega-se a Luisinha, dá-lhe um beijo no pescoço e declama: Ego sum qui sum.)

Luisinha (Fingindo-se zangada.)

— Que petulante

Sujeito audaz!

Toma, tratante, Que te dou, zás!

(Dá-lhe uma bofetada.)

Valentim (Desesperado.)

— Então? Então?

Pois tu farás tal recepção

A teu marido, ó desastrada?

Luisinha —

É que fiquei atrapalhada

E não prestei muita atenção.

Juntos — É perigoso, etc...

Luisinha — Mas, querido meu, descansa...

(Tomando-o pelo braço e como em segredo.)

Apesar da semelhança,

Não haverá confusão!

Pois se os olhos meus se iludem,

Não se engana o coração...

Juntos — Apesar da semelhança, etc...

Valentim — Já são horas de irmos para a matriz! Vamos procurar os rapazes. Depois viremos jantar! E a noite o bailarico!

(Nisto, Gregório precipita-se em cena, vindo do fundo. Dá com os olhos de Valentim, julga reconhecê-lo, e abraça-o com ímpeto.)

CENA IX

Luisinha, Valentim, Gregório

Gregório (Abraçando a Valentim.) — Ah! meu capitão, meu bravo capitão? Eu logo vi que o havia de encontrar!

Valentim (À parte.) — Ai, que é maluco!

— Com mil buchas! estamos mesmo bons para gavotas e sarabandas!

Luisinha — Que tem, sargento?

Valentim — Assusta-me! Que há de novo?

Gregório — Que há de novo? Uma desgraça!

Valentim — Não brinque!

Gregório — Se até amanhã ao meio-dia o Capitão Jorge Braga não se apresentar no acampamento...

Valentim e Luisinha — Que lhe farão?

Gregório — Que lhe farão? Sentenciá-lo-ão à morte, e pum! com seiscentas bombas!

Valentim e Luisinha (Horrorizados.) — Oh!

Gregório — Então julgam que isto de ser militar é comer filhoses? Diabo leve quem inventou os conselhos de guerra! Má raios o partam, fome o persiga, um estupor que

Valentim e Luisinha (Benzendo-se.) — Credo!

Coplas

|

Gregório —

O militar durante a guerra,
Deve andar pronto como um fuso:
Fútil delito ou leve abuso
Deita a perder um militar!
Pra que lhe dêem cabo da pele
Não é mister uma batalha,
Pois por dá cá aquela palha
Podem mandá-lo fuzilar!
Embora seja um valentão,
Embora seja um fracalhão,
Seis negras balas o farão
Cair morto no chão!
Pum!... pum!... pum!...
Pum!

— Mas com mil raios! (Bate com a **Coronha** da arma no chão.)

Valentim (Assustando-se.) — Ai, credo! Julguei que fosse um tiro! Não brinque!

— Tem certeza de que seu irmão não apareceu por cá?

Valentim — Não, senhor; mas pode ser que se salve, porque os chefes...

— Os chefes estimam-no, não há dúvida! mas já têm sido por demais tolerantes. Não fosse ele o Capitão Jorge Braga, e a estas horas estaria sentenciado e morto!

Valentim (Chorando.) — Meu pobre irmão! Vão-no fuzilar!

— Isto é o menos!

Valentim — Hein?

Gregório — Uma dúzia de balas no coração! Que isso é? Um pau por um olho! Mas o pior é que será exautorado, desonrado!

Valentim — Desonrado!

Gregório — Desonrado sim, com mil demônios do inferno! Desonrado!

Valentim — Pai do céu, que poderemos fazer? Lembre-se de alguma coisa, sargento!

Luisinha — Lembrem-se ambos. Talvez se possa arranjar tudo...

— Choremos na cama, que é lugar quente. Eu volto para o acampamento, e Vossas Mercês casem-se com todos os diabos!...

Valentim — Casarmo-nos! Numa situação como esta!

Luisinha — Isso nunca!

Valentim — Ah! que dei no vinte! Eu soube, por portas travessas, de um namorico de Jorge com a filha de um senhor de engenho na Ipojuca.

Gregório — E que tem Judas com as almas dos pobres? Valentim — A apostar em como está lá com a pequena, sem se lembrar de que há holandeses em Pernambuco! Vamos lá! Daqui a Ipojuca são poucas léguas!

Luisinha — Eu também vou, e o Senhor Sargento também.

Valentim — Tenho um pressentimento de que ali encontraremos aquele escaldafavais. Na carreta chegaremos lá num instante. (Indo à porta.) Ó Vicente, manda atrelar o macho à carreta! (A Luisinha.) Em breve estaremos de volta, e então celebraremos as bodas. Vamos, Vicente, despacha-te! Eu vou buscar o capote e algum dinheiro.

Luisinha — Vou também preparar-me.

Gregório — Vamos! Aviem-se, com quatrocentas mil granadas! (Valentim e Luisinha saem pela esquerda.)

CENA X

Gregório, latoeiros, mulheres, crianças, depois **Valentim, Luisinha, Vicente**

Final

Coro —

Onde o noivo está metido?
E a Luisinha onde é que está?
Nosso bom patrão querido,
Sendo em breve seu marido,
Felicíssimo será!

Gregório— Calem a boca!

Coro— Por quê? Por quê?

Gregório—

Façam-me pouca
Bulha!

Coro—

Por quê?
Não dirá Vossa Mercê?

Gregório—

O prazer que os embriaga
Triste caso perturbou:
O Capitão Jorge Braga...

Coro—

O irmão
Do patrão?

Gregório— Do batalhão se ausentou!

Coro

— Que horror, ó Cristo!
Jesus! que horror!
Isto é deveras
Constristador!

II

Gregório —

Feroz conselho de guerra
Vai julgá-lo em Jabotão!
Hão de deitá-lo por terra...

Coro —
Que nos diz?!
Infeliz!...

Gregório — Seis balas no coração!

Coro — Que horror, ó Cristo! etc...

Valentim (Entrando com Luisinha.) — Amigos, vou partir!

Coro — Partir!

Valentim (A Vicente, que entra do fundo, onde aparece a carreta aparelhada.) — Entrego-te a oficina. — Brevemente, De volta estou.

Valentim e Luisinha — Vamos!

Gregório, Valentim e Luisinha

— Partamos, partamos,
Sem mais demorar!
Corramos, corramos!
E a quem procurarmos
Havemos de achar!
Adeus! Adeus!

(Entram os três na carreta. Vicente e os coristas acenam com os lenços, enquanto a carreta se põe em movimento e desaparece.)

, Valentim e Luisinha

— Adeus, amigos!
Adeus! Adeus!
E dos perigos
Livrai-nos Deus!
Adeus! Adeus!

Coro —

Adeus, amigos!
Adeus! Adeus!
E dos perigos
Que os livre Deus!
Adeus! Adeus!

ATO SEGUNDO

Acampamento em Jabotão, Barracas. Armas ensarilhadas. Os soldados, dispostos em grupo, aqui e ali, bebem e jogam.

CENA I

Soldados, depois Gregório

Coro —

Enquanto o rebate
Não chama ao combate,
Não é disparate
Beber e jogar!
Mulheres, filhinhos,
Perdidos carinhos,
Os jogos e os vinhos
Não fazem lembrar!

Um Soldado — O pior é que não há nem novas nem mandados
Do nosso Capitão!

Outro — O sargento aí vem... Toda atenção, soldados!

Coro — Soldados, atenção!

Todos (A Gregório, que entra muito triste, de braços cruzados.)

Consigo traz o Capitão?

Com quatrocentos mil cartuchos!
Não vem comigo
O Capitão! ...

Coro

— Oh! que aflição!
Não traz consigo o Capitão!

Gregório —

Andei, corri por ceca e meca,
Por olivais de Santarém...
Desde o Recife a Muribeca
Não vi ninguém!

Coro — Não vi ninguém!

Gregório —

O Conselho de guerra
Lá se vai reunir!
Está tudo por terra...
Só lhe resta fugir...

Coro —

Vamos ver,
A tremer!
O conselho de guerra, etc.
(Saída geral.)

CENA II

Gregório — Onde estará metido aquele diabo, com seiscentas bombas! Tínhamos certeza de encontrá-lo na Ipojuca, mas qual histórias, nem sombras! Em que dará tudo isto?

A voz de Valentim — Devagarinho... Cautela, Luisinha... Desce... apóia-te ao meu braço... assim...

— Aí temos o funileiro e a noiva. É preciso afastá-los daqui. Ao ouvir ler a sentença, cada um deles é capaz de ter o seu faniquito, e eu não tenho jeito para tratar de mulheres nem de medrosos!

CENA III

Gregório, Valentim, Luisinha

Valentim (Dando o braço a Luisinha.) — E eu digo-te que deve estar aqui (Vendo Gregório.) Olha, ali o tens. Bons dias, sargento; demoram-nos um pouco, mas não se queixe de mim: queixe-se do jumento, com sua licença.

(À parte.) — Ora são bem cá precisos!

Valentim — Julguei que chegasse tarde; por isso vim por esses caminhos vendendo azeite às canadas. Não sei o que tinha o maldito jumento! Por mais que eu lhe batesse e lhe dissesse: — Corre, meu velho, corre, que querem dar cabo de meu irmão! Corre, que tu também és quase da família! — nada! Cada vez andava mais devagar!

Luisinha — Mas, afinal, cá estamos. Diga-nos, sargento: podemos falar ao general?

Valentim — Imediatamente?

Gregório — Não é possível. Agora ninguém lhe pode falar. Está reunido o conselho de guerra e formada a tropa.

Valentim — Por isso não encontramos um único soldado a quem perguntássemos por Vossa Mercê... Vinha eu dizendo à Luisinha: — Vamo-nos perder por aí.. e, afinal de contas, andar assim ao deus-dará... no meio do acampamento... Vem uma bala sem subscrito, e manda uma pessoa desta para melhor vida enquanto o diabo esfrega um olho! — Aqui sempre estamos melhor, pois não estamos? Esperamos aqui que termine o tal conselho, e depois iremos todos falar ao general. Que lhe parece, sargento?

Gregório — Com cinqüenta milhões de Satanases! pois são Vossas Mercês tão pouco espertos, que me não conheçam, na cara, não haver esperança possível?

Luisinha e Valentim — Hein?

Gregório — Ao general ninguém fala. Já eu lhe quis falar e não consegui.

Valentim — Valha-nos Deus! e eu, que contava alcançar alguns dias de espera!.

— Julga que o general é de folha-de-flandres? Aquilo é duro como uma rocha!

Luisinha — Nesse caso a nossa viagem é completamente baldada?

— Completamente!

Valentim — (Animando-se.) — É o que havemos de ver! É o que havemos de ver! Ah! ah!... Hei de mostrar para quanto sirvo! É que me não conhecem! É que não

(Admirado.) — Que é isto?

Luisinha — Nunca o vi assim!

Coplas

I

Valentim —

Hei de o conselho
de guerra ver;
Nele o bedelho
Quero meter!
Se não consigo
Lá penetrar,
Não mais comigo
Podem contar!
Das sentinelas
Dou cabo até!
Nenhuma delas
Fica de pé!
Que, em tais alturas,
Eu sou capaz
De cem loucuras
Fazer: zás! trás!
Que espalhafato!
Que irmão audaz!
Degolo e mato
Vão ver! zás! trás!

Gregório e Luisinha -

Diz o gabola
Que tudo faz!
Mata, degola!
Zás! trás! Zás! trás!

II

Valentim

— Não desespero
Mil vezes não!
Salvá-lo quero,
Que é meu irmão!
Pra quanto presto
Vão todos ver!
Cum simples gesto
Faço tremer!
Foram-se as nicas!
Do sangue a voz
Faz dum maricas
Tigre feroz!
Que espalhafato!
Que irmão audaz!
Degolo a mato!
Vão ver! Zás trás!

— Jorge Braga, é ele mesmo! (À parte.) Desta vez não me escapará!
— Com a breca! Traz notícias dele? Onde se meteu? Onde o puseram?
Onde pára? Corre perigo?... Responda, com trinta milhões de baionetas!

(Só, muito calmo.) — Está penalizado, como todos nós.

CENA V

Gregório, o Ajudante-de-Ordens, Oficiais, Soldados, depois Valentim, depois Luisinha

Gregório (Durante a entrada dos militares.) — Aí vem o ajudante de ordens. Que

Ajudante (A Gregório.) — Não lhe vejo remédio. É verdade que o general mandou esperar até o meio-dia. Mas se até lá não se apresentar o Capitão, será dada a

Valentim (Entrando.) — Parece que já terminou o conselho. Vejamos se encontro o sargento para irmos ao general. (Dirige-se a Gregório. o ajudante repara nele.)

Concertante

Ajudante — Que vejo? É ele!... O Capitão!...

Coro — O Capitão!

Ajudante — O Capitão!

Coro — É o Capitão!

Ajudante —
Oh, que perigo

Correu, amigo!
Oh, que imprudência, Capitão!
Se demora
Mais uma hora,
Não tinha mais apelação!

Coro —
Se demora
Mais uma hora,
Não tinha mais apelação!

Ajudante —
Mas... a que vem este disfarce?
Este disfarce?... (À parte.) Já entendo...

É a maldita parecença!

(Baixo, a Valentim.)
— Há de calar-se,
Se em salvar seu mano

Luisinha (Que tem entrado e ouvido tudo.)

— Ai, meu Deus, ai, como tremo!
Eis-me quase a desmaiar!
Enviuvo, ó Deus supremo,
Antes mesmo de casar!

Valentim —
Ai, meu Deus, ai, como tremo!
Meu irmão vim cá salvar,
Mas não vão, ó Deus supremo,
Fuzilar-me em seu lugar!

Gregório —
Ele treme, eu também tremo,
Pois o caso é singular...
É decerto um meio extremo
— Pelo irmão aqui passar!

Os Outros
— Entre nós de novo o vemos!
Pôde em tempo ainda voltar!
A amizade que lhe temos
Nos fazia recear.

Ajudante (A Valentim.)
— Comunicar sua presença
Vou neste instante ao general;
Mas — antes disso — com licença;
Venha um abraço fraternal.

(Aos soldados.) — Agora, rapazes, vão anunciar à companhia a volta do

Todos os Soldados — Viva o Capitão! Viva! (Saem, repetindo um motivo do último Coro.)

CENA VI

Gregório, Luisinha

Luisinha — O Senhor Sargento não se zangue com o que eu vou lhe dizer; mas parece-me que esta troca...

Gregório — Xiu! Silêncio!... as paredes têm ouvidos!

Deste modo ganhamos tempo, que é o principal. Quando o capitão chegar, o Senhor Valentim despe-se... O Capitão enverga a farda, e ei-los depois cada um no seu natural. O Capitão aqui, e o Senhor Valentim lá na funilaria. Luisinha — Mas Vossa Mercê não imagina! O Valentim é um maricas! Que irá ele fazer com uma farda às costas? Nunca me hei de esquecer de uma noite em que quase morreu de susto por causa de um gato que andava pelo mirante!

Gregório — Eu o farei espertar! Aqui, o mais urgente é evitar a sentença; depois...

Luisinha — Depois... Veremos! Mas duvido que o resultado seja bom.

CENA VII

Os mesmos, Valentim

Valentim (Com o uniforme ridiculamente vestido.) — Que tal estou? Olhem pra isto!
— Oh, com os diabos! Como arranjou isso?

Valentim (A Luisinha.) — Quem te ensinou?

Luisinha —
Ninguém!
Muito fácil é!
Intuitivo até!
É ver, é ver,

(À parte.) — Oh, que afronta para o meu pobre capitão!

Valentim (À parte.) — Se é só isso... (Alto.) Pois diga ao general que estimo muito!

(Baixo.) — Ó diabo, é o contrário! Mostre-se sentido!

Valentim (Emendando.) — Sim, que estimo muito vê-lo bom... Mas que esta afronta é muito... é... Má raios te partam, diabo! Maldito sejas! Vai para os infernos, com trezentas granadas!

Ajudante — Compreendo que isto o aflija! A um valente e brioso militar muito custa

Valentim — Ah! vai haver hoje batalha? (Contentíssimo.) Pois então...

(Baixo.) Mostre-se sentido, com todos os demônios!

Valentim — Estimo muito. (À parte.) Ao, ão, ão! É um cão que ladra!

— Sou capitão da escuna Conceição; cheguei do reino há cinco dias!

Valentim — Estimo ainda mais.

Pantaleão — Sou irmão de Dona Guiomar Beltrão de Aragão, e filho do finado Capitão-mor Elesbão Romão de Aragão, senhor de engenho que foi na Ipojuca.

Valentim — Que o seja Vossa Mercê por muitos anos e bons. (À parte.) É uma

Valentim — Não dou quartel!

Pantaleão — Nem eu, com mil tempestades!

Valentim — Um de nós há de ficar morto!

Pantaleão — Certamente.

Valentim — E o outro vivo. — Marchemos! (Parando de repente.) Má raios te partam, diabo! Maldito sejas! Vai para os infernos, com trezentas granadas!

Valentim — Onde me vim meter, meu Deus?!

Gregório — Faça de conta que embarcou. Não há remédio senão esperar a borrasca! Se tem amor a seu irmão, é marchar para a frente, com mil diabos! Nem todos que entram em campanha morrem! Aqui estou eu que sempre saí são e salvo!

Valentim — Vossa Mercê está habituado. As balas já o conhecem e não lhe fazem mal. Mas eu...

Luisinha (Chorando.) — Valentim, se vais bater-te, nunca mais te verei!

Valentim — Disso é que eu tenho medo, Luisinha. Eu, metido numa batalha, sem entender nada daquilo... Dão-me cabo do canastro com toda a certeza!

— Cobri-lo-ei com meu corpo...

Valentim — Sim, mas, se o atravessarem, a mim também me há de tocar alguma coisa... Nada! É impossível... Vou fugir!

Luisinha — Isso! isso!

Gregório — Pois bem! Fuja, com trinta milhões de granadas! Mas saiba que é a Vossa Mercê que seu irmão vai dever a sentença de morte!

Valentim — Ai, Jesus! que farei? Não haverá algum remédio para ser valente sem correr perigo? (Ouvem-se descargas de fuzil.) Ai!

Gregório — Ouve? Já começam as guerrilhas!

Valentim — Nossa Senhora do Livramento me acuda!

(Tomando-lhe o braço.) — Vamos! Valor! Um homem é um homem!

(Música na orquestra.) Olhe, aí vem a companhia formada! Que prazer terá seu irmão quando souber que foi ele quem tomou o reduto! (A orquestra toca com toda a força. Aparece a companhia em ordem de marcha.)

CENA XIII

Os Mesmos, o Ajudante-de-Ordens, Soldados

Canto

Ajudante — A companhia espera o Capitão.

(A dois soldados.)

— Vão buscar o cavalo!

(Os dois soldados saem.)

Valentim

— Que grande abalo!

Que comoção!

Foram buscar o cavalo...

Ai, que triste situação!

Já não me posso

Nas pernas ter!

Tenho medo, que me coço!

Vou de medo aqui morrer!

(Os dois soldados voltam, trazendo pela rédea um magnífico cavalo, perfeitamente ajaezado.)

Coro — O cavalo! o cavalo!

O desgraçado não se anima!

(Conseguem a muito custo fazer com que Valentim monte a cavalo.)

Valentim (Montado.)
— Adeus, ó Luisinha!
Adeus, amores meus!
Adeus, querida minha!
Talvez pra sempre adeus!

Valentim e Luisinha (Clamando.) — Adeus, adeus! adeus!

Coro —
Viva e reviva o Capitão!
De exemplo sirva ao fracalhão!

(Sai Valentim á frente de toda companhia. Segue-os o ajudante de ordens.)

CENA XIV
Luisinha, só

Luisinha — Valentim, meu marido! Levam-no!... e eu não tenho forças para acompanhá-lo! Infeliz! Que vai ele fazer no meio de uma batalha? Se não morrer de uma bala, morre de susto com toda a certeza! (Ouvem-se descargas.) Virgem Santa! (Tapa os ouvidos.) Agora é que ele morre! (Cai de joelhos.)

Prece
Virgem puríssima,
Virgem das Dores,
Ai, compadece-te,
Virgem, de mim!
Roubam-me os cândidos,
Castos amores!
Resgatem lágrimas
Meu Valentim!

— Há um Deus para os velhacos! Morrerá com honra, como morrem os

Luisinha — Mas por que deseja que morra o meu Valentim?

— Valentim!? Quem lhe fala em Valentim? Refiro-me ao Capitão Jorge Braga! Esse monstro desonrou a família Beltrão de Aragão!

Luisinha — Ah! é o tal capitão de navio! Se o Valentim escapar às balas dos holandeses, virá com certeza morrer às mãos deste Ferrabrás! (Ouvem-se

Vozes — Viva o Capitão Jorge Braga! Viva!

— O Capitão Jorge Braga! Aclamam-no!

Luisinha (Contente.) — Será possível?

CENA XVI

Os Mesmos, Valentim, Gregório, oficiais, soldados, depois O Ajudante-de-Ordens (**Valentim** entra triunfalmente, a cavalo, trazendo algumas bandeiras holandesas. Gregório vem a seu lado.)

Marcha e Coro —

Vitória! vitória!

Saiu vencedor!

Cobriu-se de glória,

De brio e valor!

É coisa notória

Que um bravo aqui está!

Direito pra história

Daqui marchará!

Gregório (A Valentim.) — Animo! Já não há perigo!

Luisinha — Como te foste, ó meu amigo?

Valentim —
O meu cavalo é que deu jeito:
Não quero fama sem proveito.

Ajudante —
Senhores, em paga
De tanto valor,
Vai o Senhor Jorge Braga,
Por ordem superior,
Ser elevado a major!

Coro — Viva o major!

Valentim (À parte.)
— Se eu sou major,
Deve o cavalo
Ser Coronel...

Ajudante — O general quer abraçá-lo:
Vamos ao quartel!

Coro — Vamos ao quartel!

Pantaleão (À parte.) — Hei de ir também...

Valentim (A Luisinha.) — Comigo vem...

Coro — Vitória! vitória! etc...

ATO TERCEIRO

Sala no palácio do **Governador**, comunicando ao fundo com a capela do palácio por uma larga porta, na qual pende longo reposteiro. À esquerda, 2º plano, a porta da entrada principal. À direita, na mesma direção, uma porta dizendo para os aposentos do **Governador**. A esquerda, 1º plano, pequena porta. À direita, uma mesa com instrumentos de matemáticas e de um mapa geográfico.

CENA I

Convidados (cavalheiros e senhoras) ,depois Valentim, da porta principal, trazendo consigo as bandeiras do segundo ato, acompanhado pelo Ajudante de Ordens e outros OFICIAIS; depois Gregório e Luisinha; depois um Reposteiro.

Coro de Convidados

Que esplêndido sarau! que lindo baile fúlgido!
Do dia o grande herói merece muito mais!
Matias de Albuquerque está satisfeitíssimo,
E honra destarte a flor de seus oficiais
(Ouvem-se aclamações.)
Ei-lo aí vem! Que Deus o traga!
É o valoroso Jorge Braga!

— Dentro de casa; que tem isso? Ai, que a menina está me saindo mais medrosa que o tragalhadanças do seu noivo! Ontem, no campo, parecia outra, com seiscentas bombas!

Luisinha — Era para dar-lhe coragem. Hoje, confesso que o que mais me preocupa

— Ora, esqueça-se disso!

Luisinha — Tenho muito medo que ele mate o meu pobre Valentim...

(Impaciente.) — E que importa?

Luisinha — Que importa? É boa!

Gregório — Não é isso o que me inquieta. Receio que o latoeiro faça alguma em **Governador...** e Matias de Albuquerque não é para graças. Queira Deus lhe aproveite a lição que lhe dei hoje pela manhã. Vai Vossa Mercê, disse-lhe

(Entreabrindo a porta e espreitando.) — Não se engana a menina, com mil raios! veja lá... no fundo do corredor... ao pé da escada... formam-se grupos de oficiais... parecem todos inquietos. Que aconteceria, com cem mil buchas?!

Luisinha — Naturalmente deram pelo embuste. Matam-no com toda a certeza!

(Sempre espreitando.) — É ele... vem descendo a escada...

Luisinha — Preso?

Gregório — Não — livre; mas pálido, desfeito... Já me viu... Dirige-se para este lado... Vamos saber tudo!...

Luisinha — Sargento, parece-me que vou perder os sentidos.

— Irra! transfira o seu faniquito para amanhã, com todos os diabos!...

CENA III

Os Mesmos, Valentim, que entra amedrontado

Tercetino e coplas

Gregório (Tomando-o pelo braço.) — Que aconteceu?

Luisinha (Tocando-o pelo outro braço.) — Que sucedeu?

Valentim — Tudo perdido está!

Luisinha — Meu Deus!

Gregório — Explique-se!

Valentim — Vá lá!

I

Passei pelo corredor;
Entrei num grande salão;
E o nosso **Governador**,
Ao ver-me estendeu-me a mão;
Dei-lhe as bandeiras
Que ao inimigo
Eu... Jorge, digo...
Ontem ganhou;
E ele, contente,
Cum forte abraço
Meu espinhaço
Quase quebrou!

Os Três

— E ele, contente,
Cum forte abraço
Meu/Seu espinhaço
Quase quebrou!

II

Nisto, um velho militar
Entra também no salão,
E ao **Governador** vai dar
Um papel que traz na mão...
Ergue-se em fúria,
Todo irascível,
Esse terrível
Governador!
— Levar a breca
Na flor da idade

É, na verdade,
Constristador!

Os Três — Levar a breca, etc...

Gregório — Mas, afinal de contas, que dizia o tal papel? Valentim — Não sei, mas suponho que era uma denúncia anônima. O **Governador** abriu-o, leu-o, amarrotou-o encolerizado, e, olhando fixamente para mim, disse-me: — "Ordeno-lhe, senhor, que não saia do palácio sem minha ordem."— Sim, senhor, respondi eu sem saber o que dizia nem de que freguesia era.

Luisinha — O **Governador** sabe de tudo! Meu pobre Valentim!

Gregório — Meu pobre Capitão! Mas quem seria o patife que nos traiu? Se eu soubesse! ai, que se eu o soubesse, com trinta mil raios que o partam!...

Valentim — Vem gente... chegou a minha última hora.

— Vamos! calma... dignidade... Pense na farda que traz vestida.

Valentim — Isto não é uma farda: é uma camisa de onze varas. (O **Governador** Matias de Albuquerque aparece a direita.)

CENA IV

Os Mesmos, Matias de Albuquerque

Governador — Ah! está ali...

Os Três (À parte.) — O Governador!...

Governador (Falando para dentro.) — Não quero que interrompais a conversação que vou ter com o Major Braga. Durante esse tempo diverti-vos; por enquanto não há motivo para tristezas... Dançai um minuete... (A Valentim.) Temos que conversar. (Vendo Gregório e Luisinha.) Que gente é esta?

(Com uma continência.) — Sargento Gregório, meu Governador.

Valentim (Imitando-o). — Sargento Gregório, meu Governador.

Governador — Conheço-te de nome... es um bom soldado.

Valentim — É favor.

Governador — E esta menina?

Valentim — Esta menina é... é uma menina... minha cunhada, mulher de meu irmão... que é latoeiro... não quis nunca separar-se de mim...

Governador — Compreendo... no meio de tantos perigos...

Valentim (À parte.) — Está a zombar de mim.

Governador — Sargento, manda transportar para aquele quarto a bagagem do Major; entrarás pela escada secreta que dá para o quintal. Ai encontrarás quem te encaminhe.

Valentim (Admirado.) — A minha bagagem!

Governador (Tomando Valentim à parte.) — Sim, eu quero tê-lo à mão.

Valentim (À parte.) — Ai! à mão!...

Governador — Deixem-nos!

Luisinha (A Valentim, desesperada.) — Deixar-te... numa ocasião destas...

Valentim — Queira desculpá-la, meu Governador...

Governador — Esta apreensão é natural. (Indicando a pequena porta da esquerda.) A menina pode dispor daquela alcova durante algumas horas.

Valentim (Baixo a Luisinha.) — Algumas horas, ouves? Parece que a coisa não se

Governador (A Valentim.) — A separação parecer-lhe-á depois menos penosa.

Valentim — A separação, ouves?

Gregório (Baixo a Valentim.) — Tenha coragem, com mil infernos! (Baixo a Luisinha.) Venha!

Luisinha — Que irão fazer-lhe, meu Deus!

Valentim — Adeus, Luisinha, adeus! (Abraça-a e beija-a às escondidas do **Governador**. Gregório separa-os e leva Luisinha; saem pela pequena porta da esquerda.)

CENA V

Valentim, o Governador

Governador — Estamos sós... ouça-me...

Valentim (Esforçando-se por se mostrar tranqüilo.) — Às ordens do meu **Governador**.

Governador — Recebi, em sua presença, uma comunicação que me encheu de

Valentim (Suplicante.) — Mas...

Governador — Passou, felizmente. Estou agora perfeitamente tranqüilo. Mas imagine que nesse papel me participavam que os holandeses atacaram a povoação

Valentim — Hein? Como? (À parte.) E eu temia! Agora respiro! (Alto.) Com que

Governador (Com mistério.) — Ocuparam a povoação, apoderaram-se do tenente-coronel Rodovalho, que comandava a guarnição ali destacada e fuzilaram-no!

Valentim — Fuzilaram o Tenente-Coronel Rodovalho? aquele excelente Rodovalho?... (À parte.) Nunca o vi mais gordo...

Governador (Com ímpeto.) — Guerra! guerra sem tréguas nem piedade!

Valentim (Procurando animar-se.) — Sem piedade! Governador — Guerra terrível! O sangue pede sangue! Valentim — Pois demos-lhe! (Pragueja como no segundo ato.)

Governador (Andando de um lado para o outro.) — Ah! corja de infiéis! assassinais cobardemente um homem que não vos poderia oferecer resistência? Pois bem! não vos enviaremos um parlamentar que vos obrigue a abaixar humildemente a cabeça: enviar-vos-emos um terrível guerreiro, um herói que não conhece perigos nem hesitações! (Parando em frente de Valentim e pondo-lhe a mão no ombro.)

Valentim (Caindo numa cadeira.) — Ai!

Governador (Sem dar atenção a Valentim e indo examinar o mapa geográfico que está sobre a mesa.) — Nada de piedade, Major, nada de comiseração! A coragem, quase sobre-humana, que ontem mostrou, assegura-nos o sucesso de nossas armas. Não consulte o seu coração; consulte unicamente a sua espada! (Valentim, sem poder falar, tem respondido por gestos a tudo isto.)

Valentim (À parte.) — Eu estouro! Precisava sangrar-me!

Governador — Partirá daqui a três horas.

Valentim (Balbuciando.) — Daqui a três horas? (Ergue-se.) Mas, meu Senhor, eu

Governador — Compreendo... Quer combinar comigo o plano de campanha. É muito acertado! Reconheço nisso um bom militar. Aqui temos o mapa de Pernambuco. (Vai sentar-se á mesa.) Sente-se diante de mim.

Valentim (À parte, aproximando uma cadeira...) — Antes uma dúzia de redutos! (Senta-se.)

Governador — Marquemos os pontos estratégicos... pare... os holandeses estão aqui... cá está o ponto atacado. As nossas tropas estão divididas em dois troços, um aqui, em Jaboatão... outro no Recife. Que fará o Major?

Valentim (Depois de ter por muito tempo examinado a carta.) — Eu?

Governador — Sim, vejamos...

Valentim — E Vossa senhoria?

Governador (Com modéstia.) — Eu ia por aqui... pelo Cabo... pois, como sabe, aqui, por Nossa Senhora do Ó, não há estrada que preste.

Valentim — É justamente a minha opinião.

Governador — Mas se o inimigo se dividisse, e atacasse a vanguarda pelo Rio Formoso, e a retaguarda pela Gameleira, como Vossa Mercê salvaria o centro?

Valentim — O centro? o centro? Vossa Senhoria compreende muito bem que o centro é o que se deve salvar em primeiro lugar, porque o centro... sim, que diabo! o centro... é tão importante! ... O Governador naturalmente tem lá sua idéia...

Governador — Eu atravessaria o Rio Serinhaém e ocultava-me no mato.

Valentim — Pois eu, salvo melhor aviso... eu atravessaria o rio e ocultava-me no mato aqui. (Aponta no mapa.)

Governador — Mas é justamente o que eu acabo de dizer.

Valentim — Nesse caso, somos da mesma opinião... Eu julguei que Vossa Senhoria preferisse...

Governador — Quê? Vir por mar e entrar na Barra das Jangadas? Nunca!

Valentim — Nunca! nunca! É preciso atravessar o mato e ocultar-se no rio... não! quero dizer... atravessar o rio e ocultar-se no mato.

Governador (Erguendo-se.) — Muito bem, Major, estamos perfeitamente entendidos... É preciso que em cinco ou seis dias se decida esta campanha; os holandeses desejam internar-se, e convém frustrar-lhes os planos. O Major vai arriscar os seus dias; mas os homens de sua têmpera não fazem caso da vida.

Valentim (Encolhendo os ombros com ar de pouco caso.) — Oh! (Arrependido.) Entretanto, confesso que esta comissão causa-me sérios transtornos... Depois da guerra, a gente pensa em descansar... Eu estou com um casamento meio tratado...

Governador — Que está dizendo? Não tem o direito de recusar! ...

Valentim — Bom... se não tenho direito...

Governador — E eu terei muito prazer em recomendá-lo à proteção de el-rei Dom Filipe III. (Sai pela direita.)

CENA VI

Valentim, depois Pantaleão

Valentim — Bonito! lá vou eu para Serinhaém, um lugar onde fuzilam os tenentes-coronéis! Que me farão eles a mim, que sou um simples major? Que farei? Dizer que não quero? Fugir? Então pagará tudo meu irmão! Estou bem arranjado!

Coplas

I

Sou, por mal dos meus pecados
Neste mundo perpetrados,
O mais bravo dos soldados
E o beijinho dos heróis!

— Que ouço! Será possível?!

Valentim — Já se vê que é possível.

Pantaleão — Bem! vejo que é honrado... como um marinheiro! Recusou uma reparação à minha violência... e agora vem conceder-me de motu próprio! Bravo!

Valentim (À parte.) — De motu próprio, ladrão!

— Mas dizia então que lhe não foi possível obter transferência da viagem?

Valentim — Debalde fiz eu que isto de ir a Serinhaém tanto podia ser hoje como

Pantaleão — Pois hão de atender-me a mim!

Valentim (À parte.) — Alcançará ele?

Pantaleão — Tive ocasião de prestar um dia um grande serviço a Matias de Albuquerque, e ele prometeu satisfazer o primeiro pedido que eu lhe dirigisse.

Valentim — Pois peça-lho, peça-lho, meu bom cunhado!

(Tomando a mão de Valentim.) — Oh! essas palavras tornam-me feliz, com mil diabos! Que alegria vai ter minha irmã, que está aqui, no palácio, à minha espera, lá embaixo! Jorge, dou-lhe a minha palavra de honra que não partirá solteiro! (Sai apressado pela direita.)

CENA VII

Valentim, depois Luisinha

Valentim — Uma transferência! Estou salvo!

Luisinha (Aparecendo com precaução.) — Ainda estás vivo?

Valentim — Creio que sim. O Governador não sabe de nada.

Luisinha — Respiro.

Valentim — Mas, sabes? queriam mandar-me atacar, holandeses em Serinhaém!

Luisinha — Meu Deus!

Valentim — Mas já não vou; fico.

Luisinha — Deveras?

Valentim — O pior é que o Aragão Furacão voltou.

Luisinha (Assustada.) — Voltou?!

Valentim — Enviado pelo céu. Ele é que faz com que eu não vá para a guerra.

Luisinha — Como assim?

Valentim — Porque deseja a todo o transe casar-me com a irmã, e eu...

Luisinha — E tu?

Valentim — Prometi casar-me.

Luisinha (Estupefata) — Prometeu casar-se! E então eu?!

Valentim — Não te aflijas... o principal era ganhar tempo. Que diabo! um casamento nunca se faz assim do pé pra mão... Eu levo a remanchar, a remanchar... o Jorge volta, toma o seu lugar, nós regressamos às nossas canecas e aos nossos funis, casamo-nos e...

Luisinha — Já lhe perdi as esperanças! Valentim; serás obrigado a casar com essa mulher! (Chora.)

Valentim — Oh! não chores!

Dueto

Valentim

— Não te aflijas, que ainda espero
Nos ver felizes!
Nos teus olhos ver não quero
Dois chafarizes!
Um casório não é cousa
Que assim se faça!

Luisinha — Não mais serei tua esposa!

Oh! que desgraça. (Chora.)

Valentim (Baixo a Luisinha, com alegria.) — Vês? Não vou a Serinhaém!

Governador — Mas, como não desejo que este casamento retarde a expedição de que há pouco falamos, receberão a bênção nupcial agora mesmo, ali, na capela do palácio. Já mandei prevenir a noiva e o meu capelão.

Valentim — Agora mesmo!

Governador — Assistirei à cerimônia. Só amanhã partirá para Serinhaém.

Valentim — Amanhã...

Governador (Dando um rolo de papel a Valentim.) — E aqui tem o meu presente de noivado. A sua promoção a tenente-coronel; faltava-lhe esse posto para substituir o infeliz Rodovalho.

Valentim (À parte.) — E morrer fuzilado!

Governador (Aos oficiais.) — Acompanhem-me, senhores. (Sai pela direita, acompanhado pelos oficiais.)

CENA IX

Valentim, Luisinha, depois Gregório

Valentim — Casado!

Luisinha — Casado! Ah! (Cai desmaiada numa cadeira.)

Valentim — Luisinha! Luisinha! Perdeu os sentidos! Volta a ti... Olha, vou descobrir tudo! Ora adeus! sim, vou descobrir tudo, aconteça O que acontecer!

(Entrando agitado pela portinha da esquerda a Valentim.) — Vamos! Depressa! Entrem! Trago uma grande notícia!

Valentim (A ver se Luisinha volta a si.) — Sargento, estamos perdidos!
— Estamos salvos!

Valentim — Hein?

Gregório — É preciso que o não vejam aqui. Entre, com mil raios!

Valentim — E Luisinha?

Gregório — Eu cuidarei dela. Mas entre! (Empurra-o para dentro e volta a Luisinha.)
Pobre pequena! que alegria há de ter quando souber!

CENA X

Luisinha, desmaiada, Gregório, Pantaleão, depois **Jorge**, depois o Governador, a NOIVA, o CAPELÃO, oficiais, convidados

(Entrando encolerizado.) — Isto é demais! isto é demais! Vem ou não vem este maldito Major Braga?

Jorge (Aparecendo pela portinha da esquerda com dignidade.) — Aqui estou, meu querido cunhado, e pronto a acompanhá-lo.

— Venha depressa. O Governador espera-nos. (Correm os reposteiros do fundo e vê-se a capela, brilhantemente iluminada. O Governador, os oficiais, os soldados e as damas formam grupos; Jorge cumprimenta o Governador, e vai buscar pela mão a irmã de Pantaleão, que está vestida de noiva. Durante o Coro, o capelão celebra o casamento no altar, ao fundo. Luisinha volta a si aos poucos, ajudada por Gregório. Olha em roda de si estupefata; depois vê Jorge e tudo quanto se passa ao fundo.)

Coro

Sejam virtuosos
Estes dois esposos;
Gozos e mais gozos
Lhes depare amor!
No seu lar contente

Vingue eternamente
Vivida e virente
Da alegria a flor!

Luisinha (Desesperada enquanto continua a cerimônia.) — Meu Deus! que vejo!
Valentim! (Quer precipitar-se para o fundo; Gregório impede-a.)

Valentim (Aparecendo pela portinha da esquerda, vestido como no primeiro ato.) —
Enfim!

Luisinha — Ah! (Lança-se nos braços dele.)

Valentim (Olhando para o fundo, onde se vê Jorge, de costas, a casar-se.) — O

Luisinha — Onde ele estava? Digam lá!

Gregório — É longa história, que depois
Hão de saber os dois!

Os Três — Oh! que ventura! Até pela manhã
Desejara cantar o rataplã...

Coro (A meia voz, na capela.) — Sejam venturosos, etc.

(Jorge, a noiva, o capelão, o Governador e Pantaleão retiram-se pelo fundo. Os demais personagens descem ao proscênio, entoando o rataplã.)

[(Cai o pano.)]

FIM